

As Crônicas de
FRANK MORGAN III

O Imortal

As Crônicas de
FRANK MORGAN III

O Imortal

Stênio Benitz

Edição III

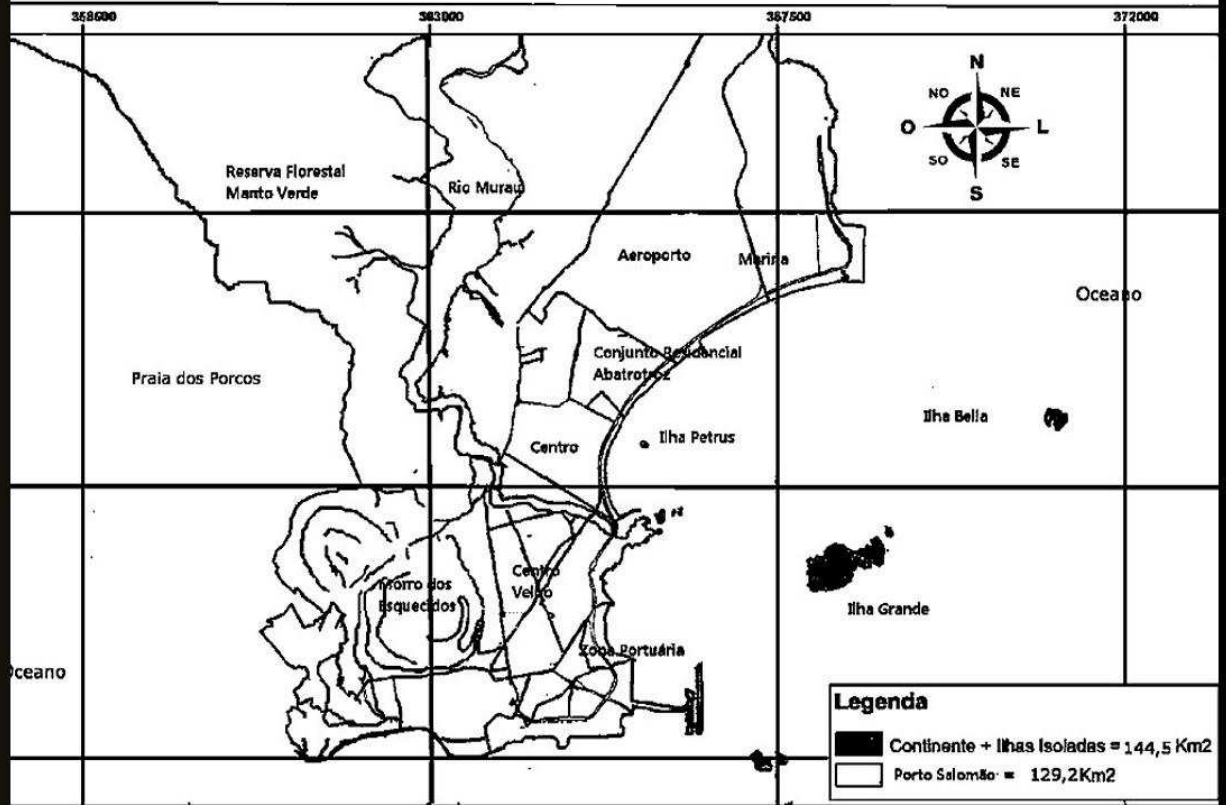

Livrorama

2019

“O verdadeiro heroísmo consiste em persistir por mais um momento, quando tudo parece perdido.”

W.F.Grenfek

PORTO SALOMÃO DIVISÃO POLÍTICA



No Título II...

Depois dos eventos tenebrosos do fenômeno da Lua de sangue, Frank Morgan, após ter a mão decepada, foi agraciado com um novo membro, uma mão negra. O transplante foi feito pelo doutor Helder Casmuro que, mesmo depois do fim de Juliete Friedrich, continuou com sua maléfica clínica, onde pessoas africanas eram sacrificadas para que seus órgãos fossem transplantados em pessoas muito ricas. Todo este esquema era encabeçado por alguém muito misterioso e poderoso que apareceu depois do fenômeno lunar.

Leon, o Ruivão, inimigo declarado de Morgan sequestra seu ajudante, o jovem cadeirante Max. Frank parte então para resgatar o jovem no Morro dos Esquecidos, e depois de resgatar o garoto, destrói o horrendo lugar onde eram incinerados ossos e restos humanos. Esta foi a primeira derrota que sofreu o enigmático chefe de toda organização.

Surge o homem por trás de toda deste estado de coisas que, destituindo o prefeito e as demais autoridades, se autoproclama o dono da cidade de Porto Salomão. Latrômio, que significa o imortal lido de trás para frente, é um ser maligno que fomenta os transplantes de membros tirados de negros africanos sequestrados de sua pátria. Para ajudar Mazu, chefe dos degomulus, Frank parte para uma aventura objetivando libertar o povo africano que se encontra aprisionado em um navio conhecido como Retumbante.

Frank, com a ajuda dos homens do mafioso Tony Sfalsin, destrói o navio e liberta o povo degomulus provocando contundentemente Latrômio que sofre sua segunda derrota. Esta afronta vai causar uma reação no poderoso homem que, com a cumplicidade de um antigo e inescrupuloso policial, irá caçar Frank implacavelmente.

A remissão de Helder Casmuro

Helder Casmuro ainda tinha dez anos quando seus pais morreram em acidente de avião. Seguindo os passos dos pais, ambos renomados cirurgiões, e sob a tutoria de sua tia Dulce Webster, Helder formou-se em medicina e bem cedo já ganhava muito dinheiro. Se havia uma coisa que o doutor Helder não precisava se incomodar era com dinheiro. Herdou uma fortuna estimada em mais de quinhentos milhões, e com os procedimentos que realizava na Clínica Geral de Transplantes, conseguiu dobrar esta fortuna.

Porém, Casmuro sabia que estava cometendo crimes e sua paz de espírito estava sendo consumida pelo remorso. Ele tinha consciência, mesmo que não fosse o responsável direto, que seus procedimentos cirúrgicos dependiam da morte bárbara de inocentes africanos. Então, o médico tentava amenizar sua dose de culpa, destinando vinte por cento de seus atendimentos em pessoas carentes e todo o custo era bancado pelo próprio doutor.

Um deste procedimento foi realizado em Elias. Ele era um garoto que havia nascido sem os membros inferiores e superiores. O cirurgião realizou uma das suas mais bem-sucedidas operações e se orgulhou ao ver depois o garoto jogando bola com os colegas. Mesmo assim, sua consciência pesava como se estivesse carregando os pecados do mundo em suas costas. Era hora de mudar.

Naquela manhã ele acordou mais cedo do que de costume, já no escritório ele recebeu seu advogado e chamou tia Dulce, que mesmo surpresa, prontamente o atendeu na biblioteca. Estava ele naquele momento transferindo a ela a posse de seus bens e a responsabilidade da criação de suas duas filhas. Cindy e Sthefany.

As meninas eram as suas lindas gêmeas, não de sangue: há aproximadamente oito anos, chegou em casa com elas recém-nascidas, não falou nada sobre a mãe das crianças para a tia Dulce, disse apenas que ela tinha razão sobre aquele palácio nas alturas ser tão grande e tão vazio de vida. Tia Dulce não o questionou. Mesmo não fazendo nenhuma questão em assumir a fortuna, sentia que aquelas crianças não tinham mais ninguém e assim acolheu as crianças e aceitou a incumbência.

— Não se esqueça de tudo que lhe disse, e principalmente nunca fale nada para elas sobre o que lhe contei, nada sobre a história dos transplantes que eu realizava — frisou o médico já na porta de saída após dar um caloroso abraço de despedida na tia Dulce.

— Não se preocupe com nada Helder, e lembre-se do que lhe disse: se se arrependeu de coração o bom Deus o perdoará — encerrou a senhora.

Então o médico abaixou-se e deu um caloroso abraço em suas duas filhas.

— Não demora pai! Tia Dulce vai fazer pipoca — disse Sthefany achando que seu pai, como sempre, logo voltaria.

Aquela vozinha inocente atingiu seu coração em cheio. Deu vontade de chorar, no entanto, se manteve firme, levantou-se e saiu em companhia do causídico. Ele estava pronto para fazer uma coisa que talvez não o salvasse, porém, iria ao menos dar fim aquele ciclo de morte.

A conspiração

De volta à mansão de Tony Sfalsin, após providenciar assistência médica ao companheiro ferido e narrar os acontecimentos. Frank retornou para a casa de Carmen.

Eu estava me acostumando a procurar Carmen. Afinal eu não tinha mais ninguém e nem casa. Depois que aquela louca da Dolores matou minha mãe, eu não havia mais voltado ao meu apartamento. Provavelmente àquela altura, devia estar fechado ou ocupado por algum invasor. Se fosse assim eu não o culpava. Eu achava que fosse quem fosse, devia estar precisando mais do que eu.

Ah! Carmen. Eu estava realmente gostando daquela mulher. Era uma coisa que eu não sentia há muito tempo, desde a época em que ainda tinha minha saudosa Vera. Era a sensação boa de ter novamente alguém que me amava esperando-me em casa. E isto era bom.

Por outro lado, dava-me medo, pois eu tinha deixado muita gente zangada e temia que alguma coisa de ruim acontecesse com ela. Mesmo assim, vou para ela. Amanhã tenho contas a acertar com aquele patife do Ruivão. Se bem que, depois da fracassada empreitada dele de me forçar a matar o Tony, sua vida estava valendo menos que um centavo furado e se eu conhecia bem o velho Tony, ele não ia deixar muita coisa do Leon Ruivão inteiro. E aquele crápula nojento merecia, ele procurou e como já dizia um antigo conhecido: “passarinho que come pedra sabe o cu que tem”. Huuuh!

Tinha ainda mais duas coisas que eu teria que fazer amanhã: uma era voltar a Clínica Geral de Transplantes, para ter uma “conversinha” com Helder Casmuro. Ele teria de explicar às autoridades sobre sua macabra forma de fazer transplantes. Mesmo que a chefe da Interpol, Eugênio, já estivesse a par de toda a situação, eu precisava que ele esclarecesse algumas coisas, principalmente sobre a origem da minha mão esquerda transplantada.

Outra, e mais importante, era procurar saber quem era o tal Latrômio, o misterioso homem que todos o temiam e saber quais eram suas intenções. Eu, no entanto, precisaria agir com cautela, afinal se fosse tão poderoso a ponto de intimidar o próprio Tony Sfalsin, eu teria que ir devagar.

De qualquer forma, eu não estava nem um pouco intimidado, para me meter medo, ele teria que ser mais macho do que eu e só havia um modo disso acontecer: se ele tivesse três gônadas.

Assustado com o som de um megafone e luzes de giroflex, Frank Morgan e Carmen Sfalsin acordaram depois de terem passado a noite juntos.

— *Frank Morgan, é a polícia! Você e quem mais estiver na casa saiam com as mãos na cabeça e rápido ou invadiremos!*

Carmen assustada perguntou:

— O que está acontecendo? O que querem?

— Não tenho nem ideia, mas é melhor obedecer. Quanto a você, não saia — determinou Morgan receoso.

Conhecendo os procedimentos policiais, Frank somente de calças e uma camiseta branca de malha, saiu com as mãos na cabeça. Já fora foi recepcionado pelo grupo de elite da polícia que cercava a casa. Na mira das armas dos agentes da lei, Frank lentamente aproximou-se das viaturas.

— Você está preso pelo assassinato de Martin Lasar. Tem o direito de só falar em juízo e da assistência de um advogado — decretou um gordo policial até então desconhecido para Frank. Dois outros agentes uniformizados o colocaram de joelhos e o algemaram.

— Martin Lasar está morto? — perguntou Frank surpreso.

— Engraçadinho! Coloquem este porco no cofre antes que eu vomite — determinou o volumoso policial demonstrando um ódio pessoal por Frank.

— *Você aí dentro, mulher! Saia logo ou iremos buscá-la arrastada pelos cabelos!* — arbitrou o chefe da operação ainda ao megafone.

— Ei! Você não tem o direito de falar assim. Ela não tem nada a ver com isso! — protestou o investigador.

— Cale a boca, bastardo! — esbravejou o policial enquanto Carmen, com a mesma camisola que dormira, foi também algemada por uma policial feminina e depositada em outra viatura.

Os policiais conduziram o detetive até uma viatura cofre, sendo seguido pelo untuoso chefe. Atrás das viaturas, de modo que os vizinhos não pudessem ver. Frank, enquanto algemado e seguro pelos dois guardas, foi agredido violentamente por um forte soco na boca do estômago desferido pelo chefe da operação policial. Por causa da agressão Frank caiu de joelho.

— Seu babaca, filho de uma puta! O inferno da sua vida começa agora — estabeleceu o obeso policial antes de cuspir na direção de Frank.

Morgan olhou bem para o odioso chefe e o finalmente o reconheceu.

— Agora me lembro de você: é Yuri Branco. O canalha que mandei para a corregedoria por corrupção.

— Sim, sou eu, seu desgraçado. Graças aos meus amigos na justiça eu consegui voltar. E veja como este mundo gira. Agora vou mandar você para o inferno! — encerrou o rancoroso velho.

Yuri Branco. Quem diria! Foi demitido da polícia após eu desmascarar seu esquema de cobrança de pesadas propinas para livrar criminosos da cadeia. Na época eu era seu subordinado. O canalha, em conchavos com advogados inescrupulosos, descaracterizava a prisão em flagrante,

livrando da cadeia bandidos que tinham dinheiro. Qualquer um: assassino, traficante, estuprador e até ladrão. Era só ter o “faz-me ri” que o pilantra soltava os caras. Ninguém tinha coragem de denunciá-lo.

Até um dia em que prendemos um chefão do tráfico de drogas. O canalha veio oferecer quinhentos mil a mim e a minha equipe para alterar a autoria do crime de tráfico atribuído ao chefão, o qual estava com meia tonelada de maconha em seu iate, para empurrar o flagrante para cima de um idiota menor do bando. Dei voz de prisão na hora a eles.

No episódio outros “criminosos de uniforme” quiseram reagir, mas foram vencidos e presos pela maioria dos policiais bons. Quando começaram a fuçar a vida podre de Yuri, obtiveram materialidade para demiti-lo e prendê-lo. Ele e mais uma dúzia de policiais corruptos.

Puá! Policiais corruptos, eles existem em todo lugar, são como um câncer que contaminam as corporações policiais.

Como será que tinha conseguido voltar para a ativa e ainda por cima como chefe da polícia? Essa cidade está mesmo virando uma merda.

Frank foi trancado dentro do cofre da viatura e por um longo período permaneceu enquanto o carro se deslocava ao destino. Logo, devido ao longo percurso, Morgan percebeu que não estava indo para a delegacia.

Finalmente chegaram ao porto onde então ele foi transferido para um barco da polícia. A partir dali, Frank sabia para onde estava indo: era para a Ilha Petrus. A ilha sediava a penitenciária regional de Porto Salomão. No passado, o governo usava para práticas de torturas contra terroristas e assemelhados. Passou, no entanto, a ser o que havia de mais moderno e seguro no que se referia a estabelecimento penal.

Logo ao chegar ele foi levado à sala de interrogatório. Sua imagem refletia no imenso vidro da parede lateral quando foi colocado sentado em uma mesa. Pouco depois entra Yuri branco e outro policial.

— Muito bem, seu verme! Vamos ser breves para acabarmos logo com esta merda — esbravejou o gordo chefe enquanto com um gesto determinou aos agentes que saíssem.

— Você assassinou Martin Lasar...

— Não assassinei ninguém, foi armação. Seu porco gordo! — gritou Frank tentando um esforço para dizer que era inocente.

O inescrupuloso policial deu um tapa com o dorso da mão no rosto do detetive.

— Escute seu filho de uma égua. Temos imagens de vídeo de monitoramento que mostram quando você entra na sala do jornalista e o executa com um tiro a queima-roupa na cabeça. Botem as imagens! — determinou o velho agente da lei.

Logo um monitor mostrou as cenas mostrando Morgan entrando no escritório e executando o jornalista.

— Viu! Olha lá sua fuça entrando no prédio, na recepção e finalmente na sala do jornalista onde você o soca e depois o assassina a sangue-frio.

Frank não questionou as imagens. Ele chegou a socar Lasar, mas sabendo que não tinha sido ele quem o matou, pediu para ver melhor as imagens para entender como fizeram uma montagem tão bem feita.

— Mas é claro! Quer apreciar sua obra, não é?

O chefe de polícia mandou repetir as imagens e Frank se viu executado o jornalista. Concluiu que não tinha como questionar as cenas tão perfeitas. No entanto ele sabia que era armação e as que imagens foram editadas para incriminá-lo. Mas por quê? E quem teria interesse em fazer isso? Perguntou a si mesmo.

De qualquer forma agora não adiantaria argumentar. Não para o seu odioso ex-colega de profissão.

— Agora preste atenção: temos as imagens, o testemunho da recepcionista do jornalista. Mas, para amarrar bem sua “lata” quero que assine esta confissão, então irei para casa trepar com a gostosa da minha empregada — explicou Yuri Branco completando com um comentário desnecessário.

Em resposta Frank deu uma cusparada com sangue sobre as folhas digitadas e esbravejou:

— Seu porco nojento! Sabe muito bem que não matei Martin Lasar. Por que está me acusando? Se for só vingança pelos velhos tempos é compreensível, em se tratando de um porqueira como você. Mas, para um rato da barriga branca como você, deve ser por dinheiro — desabafou o investigador.

Yuri ficou em silêncio por alguns segundos refletindo sobre as palavras do investigador.

— Escute seu filho de uma vadia! É pelos velhos tempos sim. Porém, tem mais: você está fuçando nos negócios de uma organização muito poderosa e parece que deixou alguém importante bastante furioso. Por isso eles estão querendo o seu couro, ofereceram muito dinheiro para pegá-lo. Mas quer saber! Quando vi que era para acabar com você, resolvi aceitar a empreitada de graça, só para ter o prazer de ver você arder no inferno.

Frank concluiu que o motivo de sua prisão e o envolvimento de Yuri tinha a ver com o acontecido no estaleiro, dias antes e que possivelmente o tal Latrômio era a cabeça por trás de tudo.

— Agora assine a merda deste papel. Se não assinar será processado do mesmo jeito, porém ainda poderá assistir sua puta ser estuprada como uma cadela até morrer! — ameaçou o asqueroso policial ao mesmo tempo em que a luz da sala ao lado foi acesa revelando a imagem de Carmen em uma cadeira algemada e amordaçada.

Ela tinha sido espancada, pois estava com um dos olhos inchado e roxo.

— Seu miserável! — Frank soltou um berro, seu sangue ferveu e com uma força descomunal ele arreventou a algema presa à sua sinistra negra e imediatamente pulou na garganta do agente corrupto.

Apavorado o chefe tentava se livrar da investida de Frank enquanto uma tropa de agentes entrava no ambiente e como moscas voaram sobre o investigador.

Gritos, xingamentos, cassetetes de borracha trabalhando sem parar, enquanto outros tentam libertar o seu chefe das garras de Frank. Apesar da quantidade de agentes em ação eles estavam perdendo a briga, até que aparece um guarda com um bastão de choque e com a potência máxima disparou em Frank, este, como um cavalo agonizante, estrebuchou e finalmente largou sua presa.

Mesmo depois de Frank está desmaiado ao chão, os agentes, sob as ordens de Branco, espancavam incessantemente o prisioneiro. Sendo em fim, contidos pelo outro policial que acompanhava a sessão.

Não passou muito tempo e Frank foi acordado com um balde de água fria jogada sobre seu rosto. O velho sórdido sentia prazer em oprimir Frank que agora estava preso com uma algema especial reforçada.

O velho, agora mais precavido, falou enquanto Carmen foi colocada em pé próxima ao vidro que dividia os dois ambientes por um guarda gigante:

— Aquele é Salazar. Também conhecido como tripé. Deve imaginar porquê. Ao meu sinal ele vai começar a estuprar aquela vadia na sua frente e vou gostar de ver — comentou o velho corrupto.

— Se fizer isso eu vou ter pena de como vai ficar sua carcaça, idiota! Ela é filha de Tony Sfalsin — revelou Morgan com satisfação.

— Ah. O velho Sfalsin, o mafioso. O tempo dele já passou, está velho e arcaico. O mundo agora é dos poderosos. O tempo em se dominava o mundo com violência e dinheiro já passou, agora

são três os pilares do poder: força, dinheiro e misticismo — esclareceu Yuri como quem estava inserido no contexto.

Depois de um breve silêncio, ignorando a advertência de que a mulher era filha de Sfalsin o velho gordo determinou:

— Salazar!

— Espere! Deixe ela ir e eu assino esta merda! Mas eu quero que você saia. Vou me reportar a você — impôs Frank se referindo ao outro policial que acompanhava o velho.

— Você não está em condições de exigir nada. Mas está bem. Vou deixar você com o Liu — concordou Yuri enquanto saía da sala.

— Muito bem senhor Frank Morgan. Tudo que tem de fazer é assinar esta confissão, tem a minha palavra que libertaremos a sua mulher.

— Você parece ser um cara bom. Por que está se sujando com este porco nojento.

— Apenas assine, senhor Morgan — determinou o agente como quem cumpria ordens.

Após Frank assinar a confissão o policial saiu enquanto o nojento chefe retornou.

— Muito bem. Agora o próximo passo é assistir sua vida se esvaindo lentamente com a injeção letal que o levará para o inferno. Pena que não seja a cadeira elétrica, para ver o seu cérebro fritar — comentou Yuri Branco enquanto Frank era retirado da sala por um forte esquema de segurança.

Os agentes o levaram para uma das inúmeras celas, lá aplicaram-no uma injeção que o fez apagar.

O pseudojulgamento

Frank Morgan ficou mofando em uma cela acrílica por um bom tempo. Elas tinham dispositivos acústicos, de modo que era quase impossível se comunicar com alguém de outra cela ou com um agente que passava no corredor. As únicas vezes que Frank ouvia um ligeiro som externo, era quando o carcereiro trazia as refeições duas vezes ao dia.

No quinto dia, finalmente uma escolta de agentes chegou e com os procedimentos de praxe o algemaram fortemente. Um deles, informou que aquele era o dia do seu julgamento. O investigador riu, ele não tinha questionado até aquele momento nenhuma das inúmeras violações dos seus direitos, mas sabia que uma hora iria ter, no mínimo, a chance de dizer que era inocente e com certeza o melhor lugar seria num tribunal.

Sob um forte esquema de segurança Frank Morgan foi enviado ao tribunal de justiça. Ele, que já havia participado de inúmeros julgamentos ao longo de sua carreira policial, logo observou que tudo estava muito errado. A começar pelas poucas pessoas que estavam presentes no tribunal. Era possível contar nos dedos.

Ao centro um velho juiz que, estranhamente, tremia como vara verde e mal abria a boca para falar; ao seu lado um promotor que tinha tudo a favor de uma condenação: as imagens do assassinato de Lasar no monitor e uma confissão assinada por Frank; do outro lado do juiz um defensor público que nada falava; os jurados, como marionetes, sem dúvida já tinham sua sentença pronta há dias; no auditório a esposa do Martin Lasar afogada em prantos devorava Frank com o olhar, enquanto era amparada por um estranho e elegante homem. Era o tal Latrômio. A partir daquele instante, Frank constatou o verdadeiro motivo pelo qual estava sendo acusado injustamente de homicídio: era uma retaliação do Latrômio contra Frank por ele ter destruído o navio *Retumbante* e seus horrores; mais atrás estava o corrupto Yuri Branco esbanjando um sorriso debochado.

Não houve a mínima chance de defesa para o detetive e como era esperado, o resultado do ajuizamento não foi surpresa para ninguém, muito menos para Frank. Ao final do pseudojulgamento,

Frank havia sido condenado à sentença de morte por injeção letal pelo assassinato de Martin Lasar. Sentença a ser executada em dois dias.

Frank finalmente ponderou:

— Que porra é essa! Isto é um tribunal de exceção, é assassinato público!

— Silêncio! Ou sua situação poderá piorar — alertou o juiz escondido entre os ombros.

— Há! O que pode ser pior? A excomunhão? — debochou Frank enquanto um agente se aproximava para levá-lo.

Neste momento, o detetive, até então demonstrando tranquilidade, reagiu. Ele, mesmo com as mãos algemadas para trás, levantou-se e bruscamente deu uma cabeçada no rosto do agente penitenciário. Os reforçados elos das algemas já tinham sido rompidos proporcionando ao investigador desferir um soco na boca do estômago do outro agente ao seu lado. A pancada fez ele cair desmaiado por cima da cadeira que Frank estava sentado.

Nisso deu-se início a uma correria geral: o promotor pulou debaixo da mesa enquanto o defensor público foi empurrado contra a parede onde batendo a cabeça desacordou. Frank pulou por sobre a tribuna e agarrou o velho juiz pelo pescoço. Dando-lhe uma chave de braço lhe disse ao ouvido:

— O que está acontecendo aqui? Por que estão me condenando com esta farsa toda? Seria melhor terem me metido uma bala.

O velho juiz apavorado sussurrou:

— Desculpe. Não estou aqui por vontade própria, Fui obrigado.